

Editorial

VINTE E CINCO ANOS DE BORDAS

Jerusa Pires Ferreira

Há vinte e três anos, eu voltava da Alemanha, depois de uma temporada de pesquisa, com muitas descobertas sobre os Faustos, a verdadeira rede de textos populares e popularescos que veiculavam a história do doutor pactário à qual eu reunia achados sobre a lenda e o livro de São Cipriano, trabalho que me abriu espantosas conexões. Foi então que conheci de perto a figura de Rubens Lucchetti, que vivia em Ribeirão Preto. Com isso, a perspectiva sobre cultura foi se alterando, lenta, mas definitivamente.

Para além do que costumamos chamar cultura popular, aquela legitimada, guardando “a memória do povo”, se estendia, desbordante e inclassificável, todo um mundo em suas condições específicas, contíguo às culturas de massas, e em movimento permanente.

Personagens e autores foram escutados, espaços percorridos em busca de editores e autores populares e do conhecimento e reconhecimento de editoras atuantes em espaços não consagrados. Foram descobertos circuitos que incluíam atitudes, didáticas e procedimentos para alcançar públicos à deriva.

Escrevendo sobre alguns desses autores, levantando tópicos, temas e situações de leitura, entendimento, criação e recriação, tendo em mãos farto material de pesquisa, abasteci de imaginação meus cursos e o próprio pensamento.

Acreditei que é impossível pensar em dicotomias, estabelecendo-se limites entre popular e erudito, central e periférico. Seria melhor pensar na ampliação de domínios, intersecção e mobilidade, franqueamento de limites. Alguns desses autores desenvolviam complexa atuação junto às editoras que têm como público leitores e ouvintes, com um pé na tradição e outro na modernização possível. A partir da extraordinária figura de Rubens Francisco Lucchetti, autor e personagem, consegui propor o conceito de Cultura das Bordas.

Não se trata de referir tão somente ao mundo periférico, mas de perceber a maneira pela qual a cultura se processa num mar de possíveis, fazendo circular segmentos e estratos, os mais diversos, em permanente relação.

Comprometi parceiros com a descoberta deste mundo. Fui estabelecendo redes de contacto, artistas e pesquisadores que tinham aí sua motivação inovadora. Ao transmitir a José Paulo Paes um entusiasmo conector, pude encaminhar a ele textos, contos de mistério e terror

de Lucchetti, publicados pela Difel, portanto, de certo modo, não estritamente das Bordas. Por outro lado, fui aprendendo de que modo tudo isso seguia o cruzamento de linguagens e experiências: multimeios. Contaria com os textos cinematográficos de Ivan Cardoso, com o trabalho conjunto de Boris Kossoy e Lucchetti, com a percepção reveladora de Carlos Reichenbach, companheiro de indagações fáusticas e a leitura pioneira de Josette Monzani.

A percepção da heteronímia em Lucchetti levou a que, ao invés de considerar uma atividade trivializante, chegássemos a localizações complexas, em pertencas múltiplas. Exemplifico: o mesmo autor/criador pode participar de mundos aparentemente antagônicos. Lucchetti, para quem Machado de Assis e Edgar Alan Poe são referências permanentes, nos ensina que a leitura tem acentos especiais. E em sua espantosa biblioteca, hoje na cidade de Jardinópolis, ele e o filho, o também escritor e pesquisador Marco Aurélio Lucchetti, doutor pela USP, encontramos em meio a incontáveis livros, muitas surpresas, como uma foto muito bonita de Adriane Galisteu, em tamanho natural.

No livro *O Homem de 1000 livros* (Com-Arte/EDUSP, 2008) que publicamos, numa das muitas entrevistas com ele, percebemos a sua teorização e clareza ao dizer, como sempre, que é um ficcionista (polimorfo e atuante) e que chamá-lo de escritor “é como colocar um elevador num alpendre”.

Isto é Bordas.

A essas descobertas se agregaria o trabalho desenvolvido com Valdir Baptista sobre os Faustos no cinema. A partir de então, para além dos autores de cordel e das razões míticas apresentadas em *Fausto no Horizonte*¹, passei a observar culturalizações várias do Fausto no circuito que chamei de Bordas. Fui seguindo desde aqueles textos autorais de criadores populares, popularescos etc., às adaptações do famoso *Fausto* de Goethe, feitas por editoras de larga circulação.

Na pesquisa realizada, a partir de materiais da Editora João do Rio, que venho estudando também há mais de vinte anos, foi descoberto um livrinho do Fausto, de 1928, adaptado e reinventado em muitos cortes, a partir da tradução de Gustavo Barroso. Procedimento semelhante ao de certas edições espanholas e catalãs que se destinavam a públicos populares. Daí também são acompanhadas fusões como as do Fausto com o Quixote, deslocamentos à maneira do Fausto estampado em caixas de charutos de Havana/Cuba ou mestiçagens culturais que fazem com que a ama de Margarida seja uma negra escrava.

¹ *Fausto no Horizonte*, São Paulo: Educ / Hucitec, 1995.

Nesta esfera de pesquisa e pensamento sobre sequências que aproximam a tradição e as práticas do momento, um autor como Fred Jorge, escritor e letrista, que vivia em Taubaté, respondendo por várias páginas de nosso cancionário popular, nos oferece textos como *Cartas de Amor*, lidos, copiados e transmitidos numa dimensão que muitas vezes nos escapa.

Percebi seu encantamento e utilidade ao ver um desses volumes lido por um porteiro de prédio, no encarceramento da caixa de vidro em que passa a noite, para zelar pelo nosso sossego. Haverá espaço central, limitado, definido e mais propício para o desenvolvimento de uma Cultura das Bordas?

Por isso, Bordas é, para mim, quase marca e chancela. A ideia corresponde a um projeto, atitude teórica que foi sendo construída a partir das reflexões e práticas de ensino; também um desafio, solução para alguns impasses e nomenclaturas. Pode ser até uma espécie de contra-cânone, a liberdade de assumir heterodoxias e o equilíbrio precário de tudo que pode estar nas beiras dos sistemas instituídos.

O projeto básico prossegue, e vai se multiplicando em artigos diversos, nesta revista virtual, no livro *Cultura das Bordas* (Ed Ateliê, 2010) e no conjunto de CDs produzidos pela TV PUC-SP com o parceiro Lucio Agra. Situo Bordas enquanto cosmopolítica. Assim, a proposta de pensar Cultura e a de transmitir a públicos vários uma forma deliberada de acompanhar, tanto a história em construção, quanto os ensinamentos de artistas: das artes, técnicas e dispositivos vários, frente ao social.

O número da Revista Bordas, que aqui apresentamos, revela um trajeto que se cumpre e inaugura ao mesmo tempo.

São Paulo, agosto de 2014.